A COMPREENSÃO ENTRE OS POVOS, OS GRUPOS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO

Prof. Ângelo Virgino Visintin Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação da UFPr.

INTRODUÇÃO

A descoberta do "cemitério" dos Australopitecus, na África do Sul, pelo antropólogo Raimond Dart, veio alterar o panorama de certos setores da ciência do homem. A análise dos elementos encontrados levou o antropólogo a concluir pelo erro da teoria do "anjo decaído" quanto aos nossos antepassados, substituindo-a por outra que é comandada pela lei fundamental do assassinato.

O grande problema que resta a resolver está na pergunta que agora antropólogos e psicólogos se fazem: se está demonstrado que o homem constantemente foi belicoso é essa característica inata ou adquirida? Em outras palavras, o que se procura questionar é o próprio poder da educação.

Para os historiadores e os pedagogos a resposta estaria dada: acreditam, de modo geral, na evolução do homem para o melhor, ou, pelo menos, na educabilidade do homem. O homem fundamentalmente foi sempre o mesmo, isto é, um animal racional. No embate, contudo, do meio ambiente mostrou-se ao mesmo tempo vítima e senhor das circunstâncias. Na luta pela existência evolui constantemente.

O objetivo do presente trabalho é exaltar o valor e a oportunidade da UNESCO, já que acaba de completar 30 anos de ação árdua e profícua na crença de que o homem pode ser levado a escolher e a fazer o melhor para si e para os outros.

CAPITULO I

AS TENSÕES INTERNACIONAIS

As relações entre as nações e grupos sociais, em nossos dias, envolvem muitos aspectos. Há muitos ramos das ciências sociais que tratam

do assunto. Mesmo uma análise superficial do mundo atual revela que muitas condições deste momento histórico refletem forças extremamente complexas. Evidentemente, isso não implica um determinismo histórico (Hegel) na evolução dos eventos. Pelo estudo da História, podemos muito bem perceber a importância da determinação da inteligência e vontade humana na orientação dos fatos. Não tivesse existido Hitler bem diferente seria a realidade européia nos dias que correm. Contudo, nos fatos humanos a direção das tendências não pode ser negada.

1. Características das Tensões do Mundo Atual

A nossa época já foi chamada de "idade da ansiedade". Há até um sistema filosófico baseado na ansiedade — o existencialismo de Jean Paul Sartre. Esse, porém, não é um fenômeno observável apenas no pensamento humano, mas uma realidade do dia a dia do mundo atual. Qualquer professor de História, mesmo do ensino fundamental, pode apontar no mapa as regiões das crises e tensões entre povos e grupos sociais não apenas na África ou Ásia mas na própria Europa.

O que particulariza as tensões atuais e as torna diferentes das tensões de outras épocas é que o homem em nossos dias tem consciência das mesmas. E não há nação ou povo que possa ficar indiferente às mesmas. O isolacionismo, sob as mais variadas formas, não é mais possível. As últimas guerras deixaram bem evidente essa verdade. O falecido Presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, em seu discurso de 25 de setembro de 1961, nas Nações Unidas, resumiu a nova realidade na grande advertência: "A humanidade deverá pôr um fim à guerra ou a guerra porá um fim à humanidade" (Mankind must put an end to war will put an end to mankind). Ao mesmo tempo Kennedy incitou as nações pelo ângulo positivo, isto é, de se unirem todas "para a corrida da paz e da compreensão internacional". A tese ficou bem clara — qualquer fato relevante, que se dá na mais remota parte do mundo, afeta a todos com maior ou menor intensidade.

2. Causas Básicas das Tensões

Após a Segunda Guerra Mundial apareceram estudos acurados para identificar e classificar as causas das tensões entre os povos. Rayland W. Grary, num trabalho para o "National Council for Social Studies", dos Estados, enumera e analisa oito causas como segue (1):

 a – Antagonismo histórico e cultural – Como exemplo dessa causa aí está a pouca apreciação que mutuamente se votam ingleses e irlandeses, apesar de viverem em ambiente geográfico similar. Talvez exemplo de antagonismo

- histórico e cultural mais conspícuo pode ser visto entre judeus e árabes.
- b Tensões domésticas Nota-se que um expediente muito encontradiço entre governos sem imaginação para resolverem seus problemas internos está na procura de um bode espiatório de seus problemas. Com muita facilidade culpam outros povos pelos males em que se encontram submersos. Fidel Castro tem que manter o povo cubano numa constante histeria anti-americana para se manter no poder.
- c Insegurança econômica A História está cheia de exemplos dessa causa de tensões e conflitos. A Invasão dos Bárbaros sobre o Império Romano ilustra bem o fato. Nos tempos modernos, a competição por vantagens comerciais ou busca de fontes de recursos naturais foi causa constantemente presente nas guerras. Nota-se que os povos vão à guerra não apenas por causa da fome mas também por avareza. Quem tem quer mais ainda.
- d Pressão popular O Japão ilustra esse fato. A densidade populacional e os recursos naturais limitados contribuiram para que se aventurasse à guerra com o objetivo de conquista de "espaço vital".
- e Diferenças ideológicas Sob essa denominação ficam englobadas não apenas as guerras e conflitos que se deram e se dão por motivos de supostas soluções sociais e econômicas por meio de determinados esquemas políticos, mas também as tensões motivadas pelas diferenças religiosas. As guerras religiosas são um constante na História. Em nossos dias as lutas ideológicas, de base política e econômica, assumiram a preponderância e parecem levar as nações no seu cruento sorvedouro.
- f Comunicação inadequada Americanos e russos têm medo uns dos outros por causa de suas censuras e cortinas de ferro. Vivendo em mundos incomunicáveis estão em constante guerra psicológica.
- g Colonialismo Pode-se observar os ressentimentos que as nações africanas guardam de seus ainda recentes colonizadores europeus. Mais perto de nós, veja-se o caso da Doutrina Monroe por parte dos Estados Unidos. As demais nações americanas não podem deixar de se ressentir do fato, gerando o mal-estar nesta parte do mundo.
- h Medo da guerra Dizer que o comunismo vai conquistar o mundo inteiro pode facilmente levar as nações democráticas à histeria bélica, pois o instinto de defesa

sempre foi uma poderosa força.

Aí está uma análise sumária das tensões e conflitos entre os povos. A consciência das causas dessas tensões é fator importante para evitá-las. O que importa é manter essa consciência sempre viva e desenvolvê-las tanto coletivamente entre os povos e grupos sociais como individualmente de modo especial nos meios educacionals, onde deve ser criado um clima propício a um mundo mais compreensivo e cooperativo, sem distinção de credos, ideologias, raças, sexos e nacionalidades.

CAPÍTULO II PROMOÇÃO DA COMPREENSÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

1. O Poder da Educação

Os filósofos tanto da antiguidade como dos tempos modernos sempre acreditaram no poder da educação. Muitos, em nossos dias, acreditam que na sociedade do futuro a escola terá um papel ainda mais proeminente do que a catedral da cidade da Idade Média, como "o centro e o foco das aspirações da comunidade, a agência através da qual o nível da vida é elevado e enobrecido". (2). Os sucessos alcancados pela educação particularmente no Japão e nos Estados Unidos talvez tenha contribuído para essa visão otimista. Com efeito, o Japão a partir da metade do século passado veio dedicando esforcos imensos na eliminação do analfabetismo e na difusão do conhecimento científico e tecnológico. A educação constitui-se a pedra angular e condição importantíssima do sucesso industrial. O francês Jean-Jacques Servan Shreiber escreveu um livro - O Desafio Americano – que é um verdadeiro hino ao poder da educação. A certa altura do livro diz: ... "as fontes de riqueza e de progresso são mais imateriais do que nunca. Não se trata de dádivas da natureza, ou do acaso, como o petróleo, ou ouro ou mesmo a demografia, mas de conquistas do espírito humano" (3). O mesmo autor, em outra passagem, subscrevendo pesquisa levada a efeito nos Estados Unidos:" "a principal conclusão do relatório de Denison (tese redigida em 1964, no National Council on Economic Development) é que o ensino constitui o fator mais importante e coloca-se à cabeca dos fatores econômicos de expansão (4). Aliás, há cinquenta anos H. G. Wells concluia, "A Guerra dos Mundos" como a visão de uma "corrida dramática entre a educação e a catástrofe".

Dessa maneira, compreende-se que nas nações do Ocidente, tanto nas desenvolvidas como nas subdesenvolvidas, os partidos políticos que representam os interesses dos trabalhadores tenham continuamente pressionado os governos com leis para tornar o acesso ao ensino secundário e superior mais fácil e universal. Na Ásia e na África igualmente as nações,

após atingirem a independência política estão se voltando para a tarefa educacional para conseguirem melhores padrões sociais e econômicos. Contudo, as nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento são carentes de uma estrutura educacional adequada. Essa carência educacional torna impossível uma industrialização mais sofisticada e de maior envergadura pela falta, muitas vezes absoluta, de mão-de-obra qualificada. Esse problema torna-se, às vezes, tão presente que os sistemas educacionais têem que dar prioridade à educação dos adultos. Houve, nesse sentido, vários programas que foram ou vêm sendo coroados com relativo sucesso. É o caso da "Missão Cultural do México", "Movimento da Reconstrução Rural da China", o "MOBRAL" aqui no Brasil. São experiências educacionais válidas e servem para demonstrar o valor da educação para o desenvolvimento.

Como ponto de partida as nações subdesenvolvidas é preciso que tenham como objetivo principal a extensão da educação formal a toda a massa popular, na faixa etária própria à escolarização. Só assim ela se torna fator eficiente e permanente de desenvolvimento econômico e social. Evidentemente, as organizações internacionais subsidiárias das Nacões Unidas, como a FAO e a UNESCO, ou os programas de intercâmbio educacional da GEA e outros semelhantes, jamais poderão atingir toda a massa popular de um país. Eles atingem sempre, diretamente, uma ínfima parcela da população. Cabe a essa ínfima parcela conjugar esforcos com os recursos locais para que os benefícios da educação chequem a toda a população. Os povos subdesenvolvidos é preciso que se dêem conta de que estão comecando tarde e de que para progredir vão ter que entrar num mundo extremamente competitivo com uma tecnologia avancada e complexa. Com efeito, inclusive para a sua sobrevivência dependem de um desenvolvimento rápido. A marginalização tecnológica, nas atuais circunstâncias, significa a morte. De mais a mais, o progresso não depende apenas de recursos e tecnologia, mas também de uma atitude psicológica própria, de disciplina e sabedoria política. Esse fato leva as lideranças políticas locais a meditar sobre que sistema de governo melhor convém ao país para que possa atingir mais rapidamente os objetivos do desenvolvimento econômico. Nos tempos modernos o exemplo da Rússia tem atraído as simpatias gerais. Mas a pergunta que esses países deveriam se fazer é que se vale a pena pôr em risco os direitos humanos fundamentais por supostas vantagens momentâneas e imediatas de ordem material, ou não haverá outras alternativas?

Raciocinar friamente nos países desenvolvidos é difícil nas atuais circunstâncias. As mudanças reclamadas não podem esperar pela evolução normal da situação. Exigem uma revolução total da atual ordem econômica e social. Esses países culpam pela sua situação atual as multinacionais e os governos dos países mais avançados, taxando-os de imperialistas e exploradores. Conseqüentemente, um nacionalismo exasperado domina-os completamente. A nacionalização indiscriminada das companhias estrangeiras tornou-se um fenômeno freqüente. A mútua retaliação

parece ser a conseqüência lógica que só não acontece por causa da atual situação política do mundo, onde os países mais avançados se encontram divididos em dois blocos rivais em mútuo equilíbrio de capacidade de retaliação. Mas isso, se parece vantajoso para os países subdesenvolvidos, é puro engano. Disso não surge a real solução do seu subdesenvolvimento. As reais causas do subdesenvolvimento são mais de ordem interna do que de ordem externa. Há uma conjuntura toda a qual fundamentalmente depende da educação.

Em conclusão, a educação estendida a toda a população de todas as nações, ricas ou pobres, apresenta-se como o caminho mais seguro à prosperidade e à paz universal. Não há maior princípio para uma democracia universal do que erigir em direito universal: Todas as crianças do mundo todo tem direito à educação às expensas públicas de todas as nações sem distinção de raça, sexo, credo, nacionalidade, filosofias e ideologias.

2. O Uso dos Meios Coletivos de Comunicação na Educação

Há mais de três séculos que Francisco Bacon e João Comênio rejeitaram o verbalismo como processo de aprendizagem e demonstraram as vantagens didáticas que o aluno tem de entrar em contacto direto com a realidade factual. Em sua enciclopédia para as crianças — "Orbis Pictus", Comênio afirma que "As escolas são casas que asfixiam a mente humana, onde são gastos dez anos ou mais numa aprendizagem que poderia ser levada a efeito em um ano ..., lugares onde as mentes ficam entalhadas de palavras". De mais a mais, levantou a tese do sistema universal de educação: "Não só as crianças dos ricos ou poderosos, mas indistintamente todas as crianças, nobres ou plebéias, ricas ou pobres, na cidade ou campo, na vila ou na choca, devem ser mandadas à escola".

Em nossos dias os meios coletivos de comunicação abriram uma possibilidade extraordinária para que os objetivos visados por Comênio se tornem realidade. Aliás, a história da comunicação é tão longa como a do próprio "homo sapiens". A evolução da comunicação é a própria evolução da aprendizagem. Em outras palavras, comunicação significa educação, e, evidentemente progresso.

"Na superação dos obstáculos à democratização da aprendizagem e da educação, o papel das invenções tecnológicas não pode ser ignorado ou minimizado" (5). Efetivamente, na antiguidade o conhecimento era esotérico pela falta de meios de comunicação. A tradição oral era a única possível. A invenção da palavra escrita em pedra e papiro constituiu um avanço significativo. Mas só a invenção da imprensa e a evolução do livro impresso vieram trazer instrumentos de comunicação de massa. Finalmente, já neste século, os grandes diários, as revistas, semanais, o cinema, o rádio e a televisão completaram o ciclo revolucionário da comunicação das idéias. Não é difícil detectar o impacto

tremendo dos meios coletivos de comunicação na sociedade moderna. As notícias, as últimas descobertas, chegam em poucos instantes de um extremo ao outro do globo. Uns as lêem, outros as ouvem, todos as digerem com sofreguidão. O rádio e a televisão, diariamente, levam a história da humanidade à sala de visitas ou de estar. O povo todo conhece os problemas do mundo e a consciência dos mesmos trouxe-lhe a noção da interdependência.

Em relação ao problema da educação formal, um esforço da maior amplitude já está em andamento para levar o ensino aos mais remotos recantos do globo. Os meios coletivos de comunicação são considerados como o instrumento de cortar o nó górdião no que se refere à falta de escolas, de equipamentos didáticos e falta de professores competentes. Marco Antonio R. Dias, em pesquisa publicada na Revista Brasileira de Teleducação afirma:

"No mundo inteiro, sobretudo em países como o Brasil, com alto índice de iletrados, é cada vez maior o número de pessoas que entram em contacto direto sem o saber sem passar por um instrumento escrito, muitas vezes sem nunca ter ido à escola. Quanto analfabeto, por exemplo, não foi capaz de, em pouco tempo, através da televisão, compreender todo o mecanismo de separação e acoplagem das naves espaciais por ocasião do desembarque do primeiro homem à lua"? (6). Em outra passagem, ainda Marco Antonio R. Dias: "Não é exagero, realmente, afirmar que o volume de informações que um estudante — em qualquer nível — recebe dos meios de comunicação é muito superior àquele fornecido nas escolas, e, freqüentemente, mesmo nas universidades" (7).

Depois dos experimentos universalmente famosos levados a efeito ainda na década passada, na Índia, pelo "Rural of all India Radio", e, na Colômbia pelo programa das "Escolas Radiofônicas de Colômbia", todos os países, um após outro, organizaram seus programas de Teleducação. No Brasil, por ato do Presidente da República, foi instituído o Programa Nacional de Teleducação — PRONTEL —, órgão de natureza transitória, que visa à integração no âmbito nacional, das atividades didáticas através do rádio, da televisão e outros meios, de forma articulada com a Política Nacional da Educação. A Fundação Konrad Adenauer sob o patrocínio do governo alemão, tem assistido a iniciativas de toda sorte, no que se refere à Teleducação no Brasil, tanto em âmbito nacional como regional. Essa mesma fundação germânica mantém um posto em Lima do Perú, que, com o do Rio de Janeiro, dá assistência a mais variada possível sob o aspecto de Teleducação à América Latina.

Em certos lugares, sob certas circunstâncias, notou-se que os meios coletivos de comunicação tomaram o lugar do professor qualificado. Há um grande desejo por parte das autoridades responsáveis pela Política Educacional de ampliar esse fenômeno. Contudo, essa situação é absolutamente indesejável e só pode ser aceita em certas circunstâncias devido à falta dos professores qualificados. O uso do filme, do rádio ou da

televisão deve ser encarado, como uma extensão ou suplemento do trabalho do professor. Com efeito, nos países mais avançados técnica, científica e economicamente, esses meios coletivos de comunicação servem para despertar o interesse e ampliar as experiências do aluno, mas jamais substituindo o professor. O professor tem em suas mãos instrumentos de alcance didático de maior eficiência do que o livro texto dos tempos passados. A máquina, pois, é um instrumento passivo e somente serve e vive pelo esforço e pela inteligência do homem que a utiliza, no nosso caso, do professor.

O impacto que esses meios coletivos de comunicação causam nas relações entre professor e aluno, vem sendo matéria de amplas pesquisas, cujos dados impossibilitam tirar conclusões definitivas.

Em conclusão, conforme já observara Comênio, a imagem mais do que a palavra é o instrumento mais eficaz para "abrir as janelas do saber". A superioridade da televisão sobre os outros meios de comunicação é evidente. Por esse motivo, cremos que a maior batalha contra a ignorância e, conseqüentemente, contra a miséria, está apenas começando. Do espaço, os satélites enviarão as imagens televisionadas não só sobre as nações mais prósperas mas também sobre os últimos recantos da nação mais pobre e carente. Indubitavelmente, será verdadeiro o que um educador americano antevia, há mais de uma década atrás:

"Uma sociedade poderá desenvolver-se e prosperar na medida exata em que saberá desenvolver os seus meios de coletar, armazenar e disseminar informações. Uma sociedade analfabeta é uma sociedade estagnada" (8).

3. O Papel da Escola

O filósofo Matsuo, num brado bem atual, convida-nos a viver juntos, a comer juntos, a trabalhar juntos, a encher-nos de felecidade e glória a todos igualmente, e, deixar de lado todo o ódio e invejas mesquinhas. Esses sentimentos, de uma beleza e simplicidade extraordinária, parecem estar fadados a ter a mais profunda implicação para as escolas de hoje como força modeladora da comunidade universal. Efetivamente, "a paz só pode nascer da mente dos homens pois que da mente é que nascem as guerras". Mas, as escolas de hoje dão-nos essa oportunidade de viver como numa comunidade universal, sem distinções de raça, credo, sexo, nacionalidade ou ideologias? Para exemplificar, vejamos o ensino na África do Sul. Em 1955, o Parlamento Nacionalista (no poder), com o ministro Hendrik Verwoerd, adotou uma política de "ensino bantu", dentro dos critérios do "apartheid" ou "desenvolvimento separado". Na época, explicando ao Senado o sistema de ensino bantu, o Dr. Verwoerd declarava:

"O aluno deve adquirir certos conhecimentos, uma habilidade técnica e as atitudes que lhe seriam úteis e vantajosas ao mesmo tempo

que proveitosas para a coletividade. Na comunidade Européia, não há lugar para ele acima de certos empregos; portanto, é inútil dar-lhe um ensino que tenda a integrá-lo na Comunidade Européia (9).

As consequências da política do "apartheid", no ensino, ficaram evidentes por uma pesquisa levada a efeito pela universidade (branca Witwatersrand, de Johannesburgo, cujos dados estatísticos revelam o seguinte:

Em 1958, foram gastos 149,2 dólares norte-americanos por estudante branco; 46 dólares por estudante asiático ou mestiço; e 19,6 dólares por estudante negro.

Em 1968, estas cifras foram, respectivamente, de 226,2; 80,5; e 16,1.

Em 1972, o governo investiu 529 dólares por estudante branco; 143,8 por estudante asiático; 109,3 por estudante mestiço; e 28,8 por estudante negro.

Nessas cifras estão compreendidas o pagamento dos professores e o custo do material escolar. Os professores brancos não tem o direito de ensinar a estudantes negros, e vice-versa. Não há escolas pluri-raciais Se um aluno negro, após dez anos de escolaridade obtém o direito de ascender ao estudo superior, deve matricular-se numa universidade reservada aos negros. Há três: a do Norte (ao Norte do Transabrasil), a de Zululand (perto de Durban) e a de Fort Hare (no Transkei). Quanto aos mestiços, devem obrigatoriamente estudar na universidade da Cidade do Cabo Ocidental (University College of the Western Cape); os asiáticos têm a universidade de Durban Westville. Quanto aos brancos, que são minoria no país, tem para si seis grandes universidades. Todas elas eram pluri-raciais antes de 1959.

Os problemas acima são apenas alguns dos que provocaram ultimamente violentas manifestações de negros nas ruas de Soweto (cidade satélite de Johnnesburg).

Nos Estados Unidos a revista católica "Ave Maria", num estudo publicado sob o título de "Preconceito nas Escolas", traz os resultados de uma pesquisa levada a efeito pela "Anti-Defamation League of B'nai B'rith", uma agência de serviço social, de filiação judaica. A pesquisa, baseada numa monstragem de 2.000 estudantes de nível médio, acusou a maior freqüência de preconceitos contra os negros, em segundo lugar contra os judeus, em terceiro lugar contra os católicos. Como conseqüência dessa pesquisa, o "American Council on Education" determinou que fosse efetuada uma análise crítica de 315 textos mais usados nas escolas secundárias do país. O estudo veio confirmar os resultados da pesquisa da "Anti-Defamation League of B'noi B'rith".

Qualquer nação poderá efetuar suas pesquisas sobre a perpetuação de preconceitos levados avante pelas suas escolas. É o preconceito religioso

na Irlanda ou Líbano, ideológico na Rússia, do sexo nos países árabes, das castas na Índia e muitas outras modalidades de preconceitos de acordo com as tradições de cada região ou época.

Evidentemente, a escola não é a única responsável pela perpetuação do preconceito. Mas ninguém poderá negar, sob esse aspecto, o mal que fazem certos autores de textos escolares e editores com objetivos comerciários. O quadro completa-se por professores, na realidade, cegos pelas suas paixões, mas que no linguajar quotidiano se traduz por convicções profundas ...

A tarefa da escola não pode limitar-se a remover os obstáculos à compreensão entre os grupos sociais e povos. Ela deve exercer uma ação positiva para a cooperação e união entre os homens. É ela a agência, a instituição formal, qualificada para exercer esse papel. Para isso ela reúne condições únicas, pois que nela se encontram as crianças ou os jovens de ambos os sexos, de situações sociais e econômicas as mais diversas, na maioria das vezes de racas e nacionalidades diferentes, sem falar das crianças de diferentes credos religiosos. O estudo da Geografia e História nas mãos de professores competentes, pode e deve criar uma atitude mental favorável à compreensão universal e estimular a mútua apreciação. No período depois da Segunda Guerra Mundial, graças a Deus, a escola viu-se abarrotada de estudantes estrangeiros num hals de intercionalismo. Um estudo da UNESCO - "Etudes à l'étranger" - apareceu recentemente e fornece dados interessantes, como o número de estudantes no estrangeiro, informações sobre cursos fecomendados, bolsas, programas e outros dados gerais. A maior parte desses estudantes é verdade, vivem numa dúzia de "países estrangeiros": Estados Unidos (140,000 estudantes estrangeiros), França (35.000), República Federal da Alemanha (34.000), Canadá (31.000), Reino Unido (27.000), Líbano, antes da atual guerra religiosa (21.000), Itália (18.000), URSS (17.000), Egito (14.000), Argentina (12.000), Japão (11.000), Espanha (10.000), Suiça (10.000) (10) A soma total de estudantes no estrangeiro sobe a um milhão.

Esse não é um fenômeno novo na história da humanidade, mas em tal escala ele o é realmente. Esse é o melhor exército da compreensão universal.

4. A UNESCO

A — Origem e Crescimento da UNESCO.

A idéia da criação da UNESCO data de 1943. Surgiu de uma conferência de Ministros da Educação, de países ocupados, que se reuniram em Londres para tratar da reconstrução do ensino quando terminasse a guerra. Em abril de 1945, em outra conferência de Ministros da Educação, o Departamento de Estado dos Estados Unidos apresentou um

projeto que previa um organismo internacional permanente para a cooperação cultural e educacional. Finalmente, em primeiro de novembro de 1945, a convite dos governos da Inglaterra e da França, reuniram-se os representantes de 43 nações, os quais no período de 15 dias elaboraram a Constituição da UNESCO e à qual apuseram sua assinatura. A criação oficial, contudo, da UNESCO deu-se só no ano seguinte, a 4 de novembro de 1946. O preâmbulo de sua constituição começa com as nobres palavras de Clement Atlee: "Como as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que devem ser erigidas as defesas de paz" — e passa a mostrar os perigos da ignorância: "A ignorância mútua dos povos tem sido causa, em toda a história da humanidade, daquela desconfiança que tantas vezes tem levado os povos à querra para solucionar suas divergências". O preâmbulo diz ainda que a última guerra só foi possível por terem certos princípios básicos sido negados - os princípios democráticos da dignidade, igualdade e respeito mútuo entre os homens - e substituídos pela "doutrina da desigualdade de homens e raças". Uma conclusão importante está no preâmbulo, nunca antes incluída em documento oficial, segundo a qual "uma paz fundada exclusivamente em acordos políticos e econômicos entre governos" não seria satisfatória, pois não conseguiria "obter o apoio unânime, duradouro e sincero dos povos"; por conseguinte, "a paz, para não sucumbir, deve se fundar na solidariedade intelectual e moral da humanidade". Por fim, os Estados signatários concordam em desenvolver e multiplicar os meios de comunicação entre seus povos e empregar esses meios a fim de que se compreendam melhor e alcancem uma visão mais verdadeira e mais perfeita de si mesmos". Em vista disso "declaram criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura", cujo objetivo claramente definido é atingir pelas relações educacionais, científicas e culturais dos povos, os objetivos, da paz internacional e do bem-estar da humanidade. para os quais foi criada a Organização das Nações Unidas, cuja carta proclama esses objetivos.

Está aí, nesse preâmbulo da UNESCO, muito claro, um magnífico sonho do homem em perfeita harmonia com o princípio democrático da educação: todas as crianças do mundo todo tem direito à educação às expensas de todas as nações do mundo, sem distinção de raça, credo, sexo, nacionalidade, filosofias ou ideologias.

Nos 30 anos de existência a UNESCO tem exercido uma influência extraordinária no processo da educação do mundo. Não queremos demonstrar aqui o que ela tem realizado com os seus "Centros de Treinamento" com os seus "Sistemas de Projetos Associados", ou programas de "Assistência Técnica", mas salientar o que tem feito e o que representa na luta contra o preconceito, abrindo caminho para a compreensão universal.

Antes de tudo, é preciso ressaltar que a UNESCO não é um organismo político. É uma organização educacional, científica e

cultural, e, nessa qualidade, atua diretamente sobre a mente do homem. É na mente que procura construir as defesas contra a guerra e o preconceito.

É interessante notar que a Constituição da UNESCO denuncie expressamente apenas a "doctrine of the inequality of men e races", mas a luta da UNESCO não se limita apenas no combate ao racismo. Procura exterminar qualquer discriminação. Foi assim que em 1959, a Assembléia Geral das Nações Unidas, na Declaração dos Direitos da Criança, deu uma amplitude mais expressa à UNESCO, ao anunciar o princípio primeiro:

"A criança deve gozar de todos os direitos e esses direitos lhe devem ser reconhecidos sem exceção alguma, sem distinções du discriminações por causa da raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outro gênero, origem nacional ou social, condição econômica, nascimento ou qualquer outra condição, tanto no que se refere à criança em si mesmo ou por causa de sua família". (11).

Foi assim que ainda na década de 1950 a UNESCO encarregou dois grupos de cientistas para elaborar uma declaração sobre raças comobjetivo de demonstrar a igualdade e a unidade da espécie humana. Apareceram posteriormente uma série de opúsculos sob o rótulo: "O Problema Racial na Ciência Moderna", publicados sob o patrocínio da UNESCO. Dentro dos mesmos objetivos, a UNESCO adotou até dois livros textos: "Race, Prejudice and Education", de Cyril Bibby e "La Educacion ante la Discriminacion Racial", de Juan Comas (12). A 14 de dezembro de 1960, na Conferência Geral adotou uma "Recomendação" contra a discriminação na educação, e, em consequência dessa "Recomendação", foram levados a efeito estudos sobre a discriminação por causa do sexo e religião (13). Outro trabalho, deveras merecedor de todos os elogios, foi um estudo sobre livros textos de História, tanto do mundo oriental como do mundo ocidental, envolvendo muitas nações, para detectar possíveis preconceitos ou visões erradas a respeito de outros povos. Como resultado foi montado o "Projeto Maior sobre Mútua Apreciação dos Valores das Culturas: Ocidental e Oriental". Os trabalhos da UNESCO, nesse sentido, sucederam-se com grande frequência, trazendo maior compreensão e apreciação entre os povos e grupos Sociais.

B - A Criação de Escolas sob o Controle da UNESCO.

A UNESCO abriu centros regionais para treinamento de professores, como em Patacuaro, no México, e em Sirs-el-Layyan, no Egito, que constituem escolas em nível colegial, no pleno sentido da palavra. O "Centro de Pesquisas de Problemas de Desenvolvimento Social e Econômico", junto à Universidade de Delhi, na Índia, é uma escola de nível superior na plena acepção do termo. Mas não é apenas nos países menos desenvolvidos que a UNESCO mantém escolas, na própria

França, em Strasbourg, mantém um centro internacional de estudos superiores em jornalismo.

Vemos, assim, que a criação e a manutenção de escolas pela UNESCO não constitui nenhuma novidade. O que podemos notar é que é esse o seu natural desenvolvimento. O que precisa é que além de manter sua filosofia catalítica de estimulação, de assessoramento técnico, de ação conjunta com os governos membros, embarque afoitamente para a nova fronteira de responsabilidade direta do ensino no mundo. Queremos nos referir à manutenção de universidades sob o controle da UNESCO. Em 1969, Thant, então Secretário Geral da ONU, em seu discurso anual da abertura da XXIV Assembléia Geral, já podia dizer:

"Considero que é chegado o momento de prestar séria atenção ao estabelecimento de uma universidade das Nações Unidas, de caráter verdadeiramente internacional e dedicada aos objetivos da paz e progressos previstos na Carta... Confio sinceramente que a UNESCO possa desenvolver esta idéia com mais amplitude e possa pô-la finalmente em prática". (14).

Finalmente, em 1973, a 06 de dezembro, era aprovado pela própria Assembléia Geral da ONU o projeto da primeira Universidade das Nações Unidas. A sede da Universidade foi escolhida Tokio, capital do Japão. Hoje, uma bela realidade com muitas esperanças para a compreensão universal. (15).

5. Professores de Mentalidade Universal.

Construir um mundo melhor é uma tarefa imensa, mas não impossível. Para citar Arnold Toynbee: "We are not doomed to make history repeat itself; it is open to us through our own efforts to give history some new and unprecedented turn" (16). O professor está em posição estratégica para ajudar o mundo nesta encruzilhada. Talvez não tenha consciência da influência que pode exercer ou de fato exerca. Um autor americano num livro sobre os professores observa:

"Consciente ou inconscientemente os professores estão ajudando a desenvolver em seus alunos as atitudes que os levam a aceitar ou rejeitar o conceito da unidade do mundo" (17).

Efetivamente, os professores, de uma forma ou de outra, continuamente manipulam com os conceitos de raça, sexo, religião, ideologia, ou nação. E esses conceitos só poderão ser aceitos de um professor que é:

1 — Um indivíduo ajustado, habilidoso na arte e na ciência das relações humanas e consciente da diversidade dos

padrões de conduta do mundo atual.

- 2 Integrado na sua família, na sua pátria e cultura, mas ao mesmo tempo, capaz de identificar-se com os outros povos e culturas.
- 3 Informando da história do mundo contemporâneo e preocupado com a melhoria das condições de todos os povos, sem distincões.
- 4 Convicto da possibilidade da cooperação internacional e que ele poderá dar a sua cooperação, nesse sentido.
- 5 Firmado numa fé dinâmica ou filosofia de vida, cujos princípios possam se tornar normas de conduta para seu próximo.
- 6 Consciente do princípio do preâmbulo da UNESCO de que: "A ignorância mútua dos povos tem sido causa, em toda a história da humanidade, daquela desconfiança que tantas vezes tem levado os povos à guerra para solucionar suas divergências".

CONCLUSÃO

Todos os homens, em toda a parte, enfrentam as mesmas tarefas da vida, têm as mesmas perplexidades e ansiedades, quando não as mesmas tragédias. Todos procuram os mesmos objetivos na sua cultura, isto é, procuram dar á vida um sentido que vália a pena de ser vivida. A segurança, a consecução de uma ordem social justa e estável são requisitos da vida para que ultrapasse os limites de uma existência puramente orgânica.

REFERÊNCIAS

- 1 Crary, Ryland W., "World Tensions: Roots and Causes". National Council for Social Studies; Twenty-Fifth Year-Book, 1954; pp. 22-25.
- 2 Editors, "Education and the transformation of Societies", The Year-Book of Education, USA, 1954.
- 3 Schreiber, Jean-Jacques Servan, O Desafio Americano, 1968, pg. 45.
- 4 Schreiber, idem ... pg. 69.
- 5 Editors Introduction, "Mass Media of Comunication", The Year Book of Education, 1961.
- 6 Dias, Marco Antonio R., "Pesquisa em Comunicação e Opinião", Revista Brasileira de Teleducação, nº 19/1972, Porto Alegre RG., pg. 56.
- 7 Dias, idem ... pg. 57, citando relatório final da reunião de especialistas sobre meios de informação, Montreal, junho de 1969, da UNESCO.
- 8 Lee, W.R., "Mass Media and Pupil Teacher Relationship", The Year Book of Education, 1960, pg. 94.
- 9 Gazeta do Povo, 08 de agosto de 1976, pg. 32, Curitiba.
- 10 Revista "O Correio", junho 1975, ano 3, nº 6, pg. 34.
- 11 Orientamenti Pedagogici, Ano XV, Num. 1, Genn. Febb. 1968, Torino, Itália, pg. 93.
- 12 Bibby, Cyril, L'éducateur devant le racisme. UNESCO, 1965.
- 13 Cavallon, Gianfranco, "L'UNESCO contro le discriminazione nell' educazione", Orientamenti Pedagogici, Ano XV, Num. 1, Genn-Febb, 1968, pgs. 83-96.
- 14 Balbir, Jagbans K., Crónica de la UNESCO, abril 1974, Vol. XX, Nº 4, pg. 147.
- 15 Crónica de la UNESCO, abril 1974, Vol. XX, nº 4, pgs. 147-155; e Enero-Febrero 1975, Vol. XXI, nº 1-2, pg. 5-9.
- 16 Toynbee, Arnold, Civilization on Trial, New York, Oxford University Press, 1947, pag. 39.
- 17 Kenworthy, Leonard S., World Horizons for Teachers. New York, Teacher College, Columbia University, 1952, pg. 6.